

o início está no suave  
vôo de ave mansa

abre-se um cromário  
-bestiário da côr-  
nas paredes poente  
quando no carrossel  
de virgens a montra  
tentadora e constante  
projeta pombas  
e os pulos de pó

mágico olhar ~~que~~  
através do meu  
descobre um processo  
mudo e calmo constrói  
miríades de objetos  
sem nome rompendo  
a dolorosa barreira  
preconceitual a verter  
abrupta e subitamente  
uma imensidão  
fecunda etérea  
nesses brandos corpos  
infelicitados  
duras grades de gotas  
cruas onde dentro  
uma ponta ~~de punhal~~  
há tanto já  
vai caminhando

no clamor do habitat  
reverbera a planura  
estéril e instável,  
~~um~~ mundo sem espelhos  
de luz alcalina  
à fenolftaleína fuzila  
flores em céu candente

o temor nas furnas  
lotadas dispara  
seu fácil contágio  
-plúmbeos cardeais  
planejam caminhando-  
de silêncio como grande  
possibilidade de vida

o grito vermelho  
vomita a faca que  
vasculhando ~~tenta~~ acha  
o lugar  
que se mata pela dor

na paisagem nem um  
sinal de sol sòmente  
hoje ouvimos brados  
sufocados pois há  
o júri dos seres  
~~que~~ <sup>pela</sup> natureza <sup>feitos</sup> ~~os faz~~  
podres <sup>que</sup> depois  
simplesmente os renega

julga-os ~~em~~ um  
enorme còro de olhos  
em feições frias  
encarceradas contidas  
dentro dum envólucro  
a pele trémula morna

o anjo que cai ainda  
visível brilha  
poderoso e se desfaz  
na sua lassidão  
energética e continua  
o complicado enigma  
transbordado o pogo  
das mãos os pés  
à lama sucumbe

um torpor letal draga  
o corpo inerte forçado  
sempre resolve saltar  
parar acalmar compor  
uma carga de pranto  
molhando entre-dedos  
uma vergonha assintosa  
de vivos melancólicos  
circunscritos em uma  
face-padrão a marcar  
indissolúvelmente  
sós num princípio  
o seu fim